

Um jornal entre a ficção e a realidade: os dilemas do jornalista contemporâneo em “Os imperfeccionistas”¹

Rogério Martins de Souza²

Centro Universitário de Volta Redonda - UNIFOA

Resumo

Lançado em 2010, a obra “Os imperfeccionistas” é o primeiro romance escrito pelo inglês Tom Rachman, ex-jornalista do *The Guardian* e de outras publicações impressas. A trama tem como foco um jornal internacional com sede em Roma, criado por um milionário americano na década de 1950 e que se encontra em crise financeira. O autor estrutura sua ficção tendo como personagens jornalistas do periódico, além de uma leitora. A cada capítulo, temas como a rotina de trabalho, o trabalho dos correspondentes, a busca pelos leitores, são intercalados com momentos da vida pessoal destes profissionais. Este artigo procura relacionar o contexto ficcional criado por Rachman com algumas das principais teorias do jornalismo, a fim de refletir sobre o contexto das transformações que a profissão vem experimentando nos últimos anos.

Palavras-chave

Jornalismo; ficção; objetividade; mídia impressa.

Introdução

Se perguntarmos a um jornalista para em uma palavra definir sua profissão, muitos deverão responder com uma qualidade: perfeccionismo. Boa parte dos profissionais que cursaram e trabalham com jornalismo gostam de explicar a profissão como algo nobre, um serviço público em busca de uma pretensa “verdade dos fatos”; o qual, para estar apto, necessita de um profissional que não hesite em afrontar os poderosos, que coloque seu trabalho acima de tudo e que honre a profissão escrevendo bem. Um profissional, enfim, “perfeccionista”.

No entanto, esta aura ligada à profissão esconde muitas vezes que jornalistas também são movidos a paixões, inseguranças, receios de perder o emprego, medo de não

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA), no Rio de Janeiro. Possui pesquisas direcionadas ao jornalismo impresso, sua história e seu papel na contemporaneidade. Email: rogerms@uol.com.br.

serem mais relevantes num futuro próximo. A realidade costuma ser muito mais cruel do que o jornalismo romântico preconiza. O jornalismo é, para alguns pesquisadores (NEVEU, RUELLAN, apud BARSOTTI, 2014) uma profissão marcada pela imprecisão: onde nenhuma condição de entrada é requisitada (vide o fim da imposição do diploma para exercer o jornalismo, como no Brasil e em outros países), e com profissionais pertencentes a um universo fluido, com uma cultura marcada pela “mestiçagem”, ou seja, no jornalismo, a competência não é uma questão absoluta, mas fruto da negociação entre as partes interessadas: trabalhadores, empregadores e o poder público (RUELLAN, 2014). Esta imprecisão, ou imperfeição, acabaria colaborando com uma aura mais simbólica que concreta acerca da profissão.

Em 2010, o inglês Tom Rachman escreveu o romance “Os imperfeccionistas”, em que os conflitos humanos dos jornalistas são muitas vezes mais importantes do que a obsessão pelo “furo” de reportagem. Este artigo pretende investigar as transformações do jornalismo nos dias de hoje, através de personagens jornalistas criados por Rachman, relacionando suas tramas a algumas das teorias do jornalismo. Não obstante constituir uma obra de ficção, o passado como jornalista do autor e as questões que a leitura do romance provoca justificam uma reflexão sobre o jornalismo impresso contemporâneo – uma mídia tradicional de comunicação que, tal como o jornal fictício do romance, encontra-se em crise.

Estrutura e personagens de “Os imperfeccionistas”

Tom Rachman, o autor de “Os imperfeccionistas”, nasceu em Londres e cresceu em Vancouver. cursou a Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia, em Nova York. Trabalhou como correspondente internacional para Associated Press, atuando no Japão, Coreia do Sul, Turquia e Egito, entre outros lugares, e foi editor do *International Herald Tribune*, em Paris. Daí sua desenvoltura e conhecimento de causa ao situar como elemento de ligação entre suas várias tramas um jornal internacional em Roma, escrito em inglês, com distribuição nas principais capitais do mundo.

O jornal fora fundado em 1953 por um milionário americano chamado Cyrus Ott, o que pode ser entendido por muitos como uma alusão ao criador do *New York Times*, Adolph Ochs. Tanto o fictício Ott como o real Ochs refletem uma característica típica da indústria jornalística que vem desde o final do século XIX – a direção e sustentação econômica a

cargo de famílias que se alternam no poder ao longo das décadas³. Em 2004, ano em que ocorrem as histórias do romance, o jornal encontra-se em crise, com baixa circulação, dificuldade em enfrentar as transformações decorrentes da entrada em cena das mídias digitais, e um sucessor personalizado na figura do neto do magnata, um indivíduo absolutamente incompetente e que parece dar mais atenção ao seu cão de estimação do que no rumo dos negócios da família.

A história do jornal – cujo nome nunca é mencionado –, desde sua criação ao começo da crise, é contada ao longo dos capítulos do romance, mas o mais importante na trama são os personagens escolhidos pelo autor. Há 11 capítulos com títulos que fazem alusão a manchetes de jornal e que foram estruturados em forma de pequenos contos nos quais jornalistas que trabalham no periódico são o foco principal – exceto um deles, em que a atenção se volta para uma leitora. Há desde o correspondente em Paris, que não consegue emplacar uma nova pauta, um redator de obituários enfadado com o trabalho que passará por uma tragédia familiar, um chefe de redação irritadíssimo com os constantes erros gramaticais de seus subalternos, a editora-chefe viciada no trabalho que busca seduzir um antigo namorado, o editor-executivo que de repente vê sua vida pessoal devassada por um vazamento na internet etc.

No último capítulo, todos os personagens – alguns jamais se encontram durante as tramas, outros são coadjuvantes em alguns capítulos e protagonistas noutros – serão impactados com uma notícia drástica a respeito de seus trabalhos: após cinco décadas, o periódico terá que fechar as portas.

Quando a ficção e a realidade colidem

Na narrativa, Tom Rachman está preocupado em humanizar ao máximo seus personagens, num trabalho de desglamourização dos jornalistas, fim de narrar situações envolvendo pessoas comuns, frágeis e inseguras, tendo que trabalhar numa profissão que passa por grandes transformações.

De um modo geral, o autor parece demonstrar que a profissão de jornalista aparenta perder ainda mais sua influência e o pouco de glamour implícito. Entre as diversas situações envolvendo os membros da redação, o autor constrói uma sequência paralela de histórias, desta vez focada na família

³ Também no Brasil esta estrutura familiar foi frequente nos periódicos. Como exemplo, podemos citar Júlio Mesquita, à frente do Estado de São Paulo, e Roberto Marinho, comandando por décadas o jornal que hoje se encontra sob controle de seus descendentes.

Ott, proprietária do jornal. Podemos observar que as relações de poder diminuem drasticamente ao longo das três gerações, culminando com o jovem e inseguro Oliver Ott, que não parece ter o menor talento para os negócios. Essa situação tem referência em acontecimentos reais, em que descendentes das famílias proprietárias de jornais se veem forçados a vender parte ou todo o negócio, ou a reformular todo o processo de produção com ajuda de gestores, o que, em muitos casos, resulta em demissões e redução gradativa da qualidade do material jornalístico produzido (PEGORARO, 2012).

O final da primeira década do século XXI, época em que “Os imperfeccionistas” foi escrito, é marcado pelo começo de uma das maiores crises envolvendo a mídia impressa. Segundo Pegoraro (2012) o contexto se divide em duas faces. A primeira, relacionada à grave crise enfrentada pelos grandes jornais norte-americanos no biênio 2008 e 2009. Nesta época, dezenas de jornais foram fechados, centenas de jornalistas ficaram desempregados ou se viram forçados a trocar de área e grandes jornais tradicionais como o *Chicago Herald*, o *Boston Globe* e o *The New York Times* sofreram turbulências financeiras, além de queda de faturamento e de influência. O autor também trabalha o tema da revolução digital nos meios de comunicação. Esta segunda face do livro demonstra o impacto que a internet possui na produção jornalística e quanto esta colabora para as situações vivenciadas pelos jornalistas em sua rotina diária. Não há a problematização de forma direta, mas é perceptível que as novas formas de comunicação mudaram o modo como a informação é produzida e distribuída, em seus aspectos positivos e negativos (PEGORARO, 2002).

Desta forma, a trajetória do jornal fictício narrada ao final de cada capítulo por Tom Rachman reflete as transformações pelas quais periódicos no mundo todo passaram com as transformações midiáticas e as múltiplas ofertas de busca pela informação, como neste trecho: “A televisão carcomeu os jornais por anos e o surgimento dos canais de notícia dia e noite foi outro golpe. Os periódicos matinais, escritos na tarde anterior, pareciam cada vez mais ultrapassados” (RACHMAN, p 311). No começo dos anos 1990, a tiragem do jornal fictício cai para menos de 25 mil exemplares. “A quantidade de matérias originais caiu, ao passo que as provenientes de agências de notícias aumentou. Enquanto outros jornais combatiam as invasões de noticiários televisivos adotando gráficos chamativos e coloridos, aquele continuou tediosamente preto e branco (Idem, p. 312).

E, logo depois, mais um golpe para um jornal impresso e tradicional: o desafio de sobreviver ante a internet.

A princípio, muitas publicações montaram seus sites, cobrando pelo acesso. Mas os leitores simplesmente buscavam conteúdo gratuito. Então, as empresas de comunicação passaram a lançar cada vez mais notícias on-line de graça, na esperança de que os anúncios, a seu devido tempo, começassem a compensar as homéricas perdas com a venda de exemplares impressos.

O jornal, no entanto, reagiu de um jeito idiossincrático: não fez nada. O chefe de redação. Herman Cohen, negou-se a tratar da possibilidade de criar um site.

- A internet é para as notícias o mesmo que as buzinas de automóveis são para a música.⁴

Em meados de 2004, quando a crise se ampliou a níveis gigantescos, a editora-chefe do jornal fictício participa de um debate sobre os rumos da indústria jornalística, onde tenta convencer a plateia de que o periódico encontra-se bem de saúde e com a circulação aumentando. Mas tanto este, da ficção, como tantos jornais reais, simplesmente não conseguiram sobreviver às transformações:

Os entretenimentos rivais, de celulares a vídeo games, de redes de relacionamento social a pornografia on-line, abundavam. A tecnologia não só atraía os leitores como também os mudava. Como o tamanho das páginas impressas era menor do que o monitor, ela foi reduzida, cortando as notícias em pedacinhos ainda menores. Atualizações instantâneas na internet aumentaram o desdém pelas manchetes impressas com um dia de atraso. Até mesmo o hábito de trocar informação por dinheiro diminuiu – on-line, o pagamento era opcional⁵.

Objetividade, subjetividade e agenda setting – Caso 1

Passemos agora à análise de dois capítulos do livro de Tom Rachman, relacionando as histórias de seus personagens principais com algumas das principais teorias do jornalismo.

Como dito anteriormente, os capítulos escritos por Rachman são delineados como pequenos contos, cujos títulos aludem às manchetes do jornal, contos estes que poderiam até ser lidos em ordem aleatória não fossem todos interligados pelo jornal impresso que ora se encontra em crise.

Nesta primeira análise, veremos um personagem do livro cuja trama faz referência à teoria da agenda setting. Seu nome é Lloyd Burko.

A agenda setting, ou agendamento, é um tipo de efeito social dos meios de comunicação a longo prazo que envolve a seleção, incidência e disposição de notícias sobre temas que a opinião pública falará e discutirá. Alguns fatos, ao serem selecionados e

⁴ RACHAMN, p. 313.

⁵ RACHMAN, p. 345.

dispostos de forma mais enfática, ou seja, ao serem “agendados”, serão encarados pelo público como temas ou problemas de legítima relevância ou pertinência (FERREIRA e TEIXEIRA, 2009).

Burko é um jornalista veterano que já conseguiu bons empregos e furos jornalísticos, mas bastante instável emocionalmente, com vários casamentos nas costas. Mora em Paris e tem quatro filhos, de casamentos diversos, mas apenas um fala com ele. Atualmente, Burko atua como *free-lancer* do jornal em Roma e está há algum tempo sem conseguir emplacar uma reportagem. A situação se agrava porque Burko não se atualizou com relação à tecnologia. Não tem e-mail e ainda manda matérias por fax, situação que o faz receber seguidas reprimendas do editor-executivo.

As pautas que oferece também não agradam ao editor: uma matéria sobre a hortulana, iguaria francesa cuja venda é ilegal; ou outra ligada a negócios sobre o vinho francês, adiantando (sem confirmação) de que as vendas do vinho rosé teriam superado, pela primeira vez, as do branco na França. Diante disso, ao editor só resta perguntar se “não tem nada mais relevante”. O editor, então explica o que o jornal quer publicar:

- Você está a par de nossos problemas financeiros, Lloyd. Hoje em dia só compramos material independente que seja de cair o queixo. O que não quer dizer que o seu não seja bom. Acontece que Kathleen busca matérias ousadas agora. Terrorismo, usinas nucleares no Irã, revitalização da Rússia, esse tipo de pauta. O resto, na verdade, conseguimos com as agências de notícias. É uma questão financeira, não tem a ver com você⁶.

Podemos vislumbrar a atual linha editorial do jornal e que tipo de agendamento eles querem. Matérias “ousadas”, que realmente chamem a atenção internacional com sua repercussão. Quase sem dinheiro, Burko sai pelas ruas da cidade procurando seus filhos, na esperança de que algum deles o chame para morar junto. Burko perambula por Paris em encontros com seus filhos, mas é recebido de forma fria por eles. Apenas um, o único que ainda conversa com ele, aceita o convite para almoçar. Este filho - que trabalha no Ministério das Relações Exteriores francês - dará uma informação importante a Burko:

- Do que exatamente precisa?*
- Não sei bem. Algo relacionado ao terrorismo, talvez. Ou ao Iraque. Ou a Israel.*
- Não sei. Só anda rolando um comentário sobre a força militar em Gaza.*
- Que força militar em Gaza?*
- Não estou a par de todos os detalhes...*
- Mas espere, o ministro está falando de uma força militar em Gaza?*
- Acho que ouvi isso.*

⁶ RACHMAN, p. 14.

- *Acha? – O pai vislumbra – Talvez tenhamos algo aqui. Talvez, talvez.*⁷

De posse destas poucas informações, o veterano jornalista fará todos os esforços para emplacar a matéria no jornal. No entanto, não consegue encontrar nenhuma fonte para sustentar a história passada por seu filho. No desespero, arrisca vendê-la para o jornal, que, mesmo desconfiando das poucas fontes fidedignas (pressionado, Burko revelara que a fonte dentro do ministério era seu próprio filho), aceita que o jornalista a escreva.

Aliviado, Burko vai dormir, sonhando com a primeira página. Porém, no dia seguinte, ela não sai. Um assessor do ministério, antigo contato da editora-chefe do jornal, havia ligado na véspera e negou tudo. E ainda ameaçara o jornal com um protesto oficial. Dessa forma, Burko perde sua última chance.

O capítulo do livro de Rachman demonstra que a teoria do agendamento está representada aqui na busca dos editores por “reportagens impactantes” ligadas ao Oriente Médio ou à economia internacional. O jornal fictício, mesmo em crise, busca nesses temas a chance de voltar a se sobressair e fazer com que a opinião pública discuta suas matérias. No entanto, o caso analisado permite salientar que a mídia impressa, longe de determinar a pauta aos leitores, obedece a uma conjunção de esforços entre editores-executivos, editores-chefes, fontes mais ou menos fidedignas e jornalistas. Há, na verdade, mais que a busca por uma agenda, uma negociação sobre o que poderá ou não ser publicado. Sem forças para ir além na apuração, o jornal não se atreve a afrontar o Ministério das Relações Exteriores francês, publicando em seu lugar um material comprado da agência de notícias. Uma matéria de baixo impacto e pouca sustentação para confirmar a agenda setting: “Popularidade de Bush despenca nas pesquisas”

A busca frustrada de Lloyd Burko por um furo de reportagem capaz de conduzi-lo de volta aos noticiários contém também um comentário incipiente sobre a perda de poder dos meios tradicionais na imposição da agenda setting junto à população. A entrada em cena dos meios digitais e a proliferação das informações por diversas mídias foram transformações sobre a qual a mídia massiva demorou a se recompor. O personagem do jornalista veterano, desatualizado, sem e-mail e tentando enviar textos por fax é apenas um exemplo.

Com o crescimento das redes sociais como Facebook e Twitter, a agenda setting não é mais prerrogativa exclusiva dos meios tradicionais. Entretanto, essas redes produzem um efeito muito mais viral ou de movimentação (*buzz*) do que propriamente de um agendamento completo da opinião

⁷ RACHMAN, p. 16.

pública: pontos de vista, denúncias ou vídeos podem criar muito barulho através desses canais ao ponto de merecer uma averiguação maior dos meios tradicionais como ponto de partida para uma pauta. Somente a partir daí o fenômeno do agendamento poderá ser verificado através do sentido e formatação que os grandes meios de comunicação darão ao efeito viral originado das redes sociais (FERREIRA & TEIXEIRA, apud MARCONDES NETO, p. 30, 2009).

O chefe de redação e os constrangimentos organizacionais – Caso 2

A teoria dos constrangimentos organizacionais, formulada por Warren Breed em 1955, aplica-se à rotina industrial de trabalho dentro de uma redação de jornal - possui procedimentos próprios e limites organizacionais. O jornalista não tem autonomia plena em seu trabalho, embora seja um participante ativo na construção da realidade.

Ou seja, é uma teoria que vai de encontro às ideias de “manipulação ideológica” da imprensa no conteúdo editorial. Não há uma autonomia incondicional em seu trabalho, mas sim a submissão a um planejamento produtivo (PENA, p. 50). Segundo a teoria, o contexto profissional-organizacional-burocrático exerce uma influência decisiva na escolha do jornalista. Sua principal fonte de expectativas, orientações e valores profissionais não é o público, mas o grupo de referências constituído pelos colegas e pelos superiores (Idem, p. 54).

Herman Cohen é o chefe de redação do jornal em “Os imperfeccionistas”. Trabalha no jornal há mais de trinta anos, tendo exercido quase todas as funções editoriais. Chegou a ser editor-chefe por algum tempo, período que os funcionários não gostam de lembrar. Não é, porém, mal visto pelos funcionários, que admiram sua competência e intuição para as notícias.

Cohen é um chefe de redação, digamos, à moda antiga. Alto, gordo e austero, comanda com mão-de-ferro os textos redigidos para que saiam corretos no jornal, mas ao mesmo tempo não vê necessidade de lançar um site na internet. O jornal possui um manual de estilo criado e apelidado pelo próprio Herman de “Bíblia”, com todos os regimentos internos e procedimentos redacionais os quais seus jornalistas devem obedecer.

Tempos atrás, “A Bíblia” foi impressa, encadernada e distribuída, tendo sido colocado um exemplar em cada uma das mesas da redação. Agora, porém, a Bíblia só existe na rede de computadores do jornal, sobretudo porque o texto ficou quase do tamanho da área metropolitana de Liechteinsteín. O objetivo da Bíblia de Herman é estabelecer regras: informar se um “cessar-fogo” é, no sentido restrito, um “fogo suspenso” ou de fato um; decidir quando os redatores devem ou não usar vírgulas após o “que”, de acordo com as orações adjetivas restritivas ou explicativas; dar um basta nas discussões a respeito de preposições; do uso interno de apóstrofo, de orações

*reduzidas de participio sem sujeito – no mesão do copidesque, o pessoal já saiu no tapa por muito menos*⁸.

Além de definir as reportagens, Herman também atua como principal copidesque da publicação. O copidesque era o profissional da redação responsável por corrigir os eventuais erros dos jornalistas. Com a reconfiguração dos jornais e a entrada em cena da informática e da internet no trabalho, foi desaparecendo das redações para dar lugar ao “jornalista multimídia”, ou seja, aquele que não só apura as matérias, mas é responsável pelo texto final do que vai ser publicado. Num contexto de convergência tecnológica das redações, há pesquisadores que não veem com bons olhos essas novas “facilidades” para o profissional – haveria, na verdade, uma sobrecarga de tarefas, em detrimento da qualidade informativa do noticiário, situação que estaria pondo em xeque o papel de mediador do jornalista, preso às novas rotinas produtivas (KISCHINHEVSKY, p. 105).

No entanto, em se tratando de rotinas produtivas, Herman é bem conservador: o chefe de redação, enquanto dá pouca ou nenhuma importância aos avanços tecnológicos – apenas usando a internet para aumentar ainda mais o número de ocorrências de sua Bíblia – ainda publica um boletim interno mensal, intitulado “Por quê?”, no qual enumera suas gafes favoritas cometidas na redação. Um boletim que sempre constrange a redação.

No jornal fictício, as erratas proliferam, e algumas delas vão parar num mural de cortiça próximo à mesa de Herman, seguido de finas ironias que constroem quem as cometeu: “Em uma matéria de Hardy Benjamin na editoria de economia, na terça-feira, o ex-ditador do Iraque foi citado como Satã Hussein. A grafia correta é Saddam. Embora duvidemos de que nosso erro tipográfico afete sua credibilidade, lamentamos...” (RACHMAN, p.117). Ou como neste recado à redação, incomodado com determinada palavra:

literalmente:** Este termo deveria ser banido. Com demasiada frequência, atos descritos dessa forma nunca chegaram a acontecer. Como em “Ele morreu de susto, literalmente”. Não, não foi o que aconteceu. Se tal fato tivesse ocorrido, eu sugeriria promover a matéria à primeira página. O uso indiscriminado de “literalmente” é prova de que tapados fora de si estão à espreita nesta redação. Elimine se encontrar algum – o termo, não os tapados. Os tapados devem ser capturados e encarcerados nas celas que instalei no segundo subsolo. Ver também: **Travessões, uso excessivo de, Pontos de exclamação e Tapados⁹.

Enquanto Herman passa os dias na redação corrigindo e amedrontando os jornalistas, em casa a situação é outra. Quem domina a cena é sua esposa, Miriam. Fora do

⁸ RACHMAN, p. 148.

⁹ RACHMAN, p. 124, negritos do autor.

jornal, o poderoso jornalista faz tudo para agradar a esposa, como preparar o jantar e se esforçar para não irritá-la. Miriam está de viagem para os Estados Unidos, onde moram os filhos do casal. Mas Herman não irá, e não apenas pelo trabalho. Neste mesmo fim de semana, Jimmy chegará, e Herman está indo buscá-lo no aeroporto.

Jimmy é um velho conhecido e espécie de ídolo dos tempos de juventude de Herman. Estudaram juntos. Judeu como Herman, Jimmy protegia o amigo gorducho do *bulling* de outros colegas de classe. Ficara famoso entre os colegas por fumar cachimbo no telhado da diretoria e se recusar em ir ao colégio com o casaco da instituição (obrigação da qual se esquivara com um atestado médico falso alegando “dermatite seborreica”). Mais do que tudo, Herman acredita ser Jimmy um grande talento literário.

Só que a realidade é outra. Enquanto Herman seguia uma carreira padrão no jornalismo, sem muitos sobressaltos, Jimmy saltou de emprego em emprego em várias cidades dos Estados Unidos. Trocavam cartas, e Herman passou a idealizar a vida do amigo, chegando a guardar suas cartas para um dia, quem sabe, escrever uma biografia sobre o amigo a quem considerava brilhante. Herman ainda espera que Jimmy escreva a grande obra literária que ele supõe ser ele capaz. Num jantar, pressiona o amigo a escrever um artigo para o jornal. Jimmy, constrangido, aceita.

Mas, para desalento de Herman. O artigo é medíocre. Mesmo sabendo da fraca qualidade do texto, o chefe de redação decide publicá-lo, pois “tem poder para isso”. Quando abre o *pen drive* deixado pelo amigo, porém, tudo está apagado, exceto um convite para jantar naquele mesmo dia. À noite, o amigo confessa não ter talento para escrever, e que durante décadas o amigo se equivocara a seu respeito. Herman não concorda, mas Jimmy é irredutível: não irá escrever nem artigo, nem livro nenhum. Ele volta para os Estados Unidos, e só mais tarde, no retorno da mulher, Herman cairá em si e compreenderá que o amigo que o protegera na infância era na realidade um escritor medíocre.

O capítulo escrito por Rachman chama-se “Aquecimento global é bom para sorvetes”, um dos títulos de matéria do jornal que certamente sairia na temida lista “Por quê?”, não por acaso sugerido pela editora-chefe (“Acho muito idiota, sob diversos aspectos”). O mais importante, nessa análise, é verificar como o autor consegue construir um personagem que na redação exerce seu poder sobre os subordinados de forma incontestada, mas que na realidade é um homem passível de cometer erros, como na crença do suposto talento de Jimmy.

A teoria dos constrangimentos organizacionais se faz presente no capítulo nas descrições do temor que Herman exerce sobre os subordinados, na sua “Bíblia”, que serve também para que funcionários sigam à risca a linha editoria do jornal e também no temido “Por quê?”, cuja função não é outra a não ser constranger jornalistas a partir dos erros cometidos com erratas impiedosas. Segundo Breed, não há praticamente resistência a estes constrangimentos dentro da redação: “O jornalista acaba socializado na política editorial da organização através de uma lógica de recompensas e punições. Em outras palavras, ele se conforma com as normas editoriais, que passam a ser mais importantes do que as crenças individuais” (BREED, apud PENA, 2005).

Não custa lembrar as razões deste “conformismo” dentro das redações, segundo Breed (1955): seriam elas a autoridade institucional e as sanções; os sentimentos de dever e estima para com os chefes; as aspirações de mobilidade profissional; a ausência de fidelidades de grupo contrapostas; o caráter prazeroso da atividade; e o fato de que as notícias representam um valor.

No capítulo em questão temos o primeiro caso – autoridade institucional e receio de sanções - representado pelos desmandos e humilhações impostas por Herman aos jornalistas -; além do sentimento de dever e estima com os chefes - Herman é temido, mas respeitado por todos ali. Outra característica não passa diretamente pelo crivo de Herman – o fato de que as notícias representam um valor – mas sim na palavra que é repetida sempre pelo chefe de redação ao corrigir as erratas e se dirigir diretamente aos “culpados”: credibilidade. Apesar de o jornal encontrar-se em crise, com meros 10 mil assinantes em 2004, ele ainda resiste junto aos leitores, leitores considerados “empolgados” por Herman, um todo-poderoso dentro da redação e um inseguro fora dali.

Considerações finais

O teórico Francisco Rudiger (2014, apud MARCONDES FILHO) analisa de forma crítica o papel da teoria na atualidade, presa aos rigores do mercado. Segundo o autor, conforme a comunicação e a cultura se converteram em processos gerenciados tecnicamente com objetivos políticos e mercadológicos, a própria formação das ideias perdeu autonomia, não poupando os estratos maior sofisticação e intelectualidade.

O progresso material e a expansão da riqueza converteram aliviaram as tensões políticas, a atividade intelectual se distanciou dos setores por aqueles vitimados e a reflexão passou, em geral, a girar em torno do seu

próprio eixo. Apareceu um mercado de ideias possuidor de suas próprias circunstâncias, em crescente expansão no volume de negócios e número de interessados, cujos parâmetros são a busca da novidade, a procura de efeitos, a obsolescência dos feitos, a fugacidade dos conceitos e a falta de conteúdo moral, político e humano concretos. [...] Atualmente, a teoria se tornou, em grande parte, um setor da indústria cultural. Os circuitos de eventos e as publicações em massa formaram um mundo à parte. Apareceu uma nova escolástica, comandada pelos mecanismos do mercado (RUDIGER, p. 449, 2009).

Não obstante concordarmos com o diagnóstico do autor, com a teoria cada vez mais presa aos rigores do mercado, em nosso ponto de vista as teorias da comunicação e do jornalismo continuam importantes para refletirmos sobre o quadro atual de uma profissão que se transforma velozmente em meio ao turbilhão das mudanças causadas na sociedade pelas mídias digitais. Este artigo é uma tentativa de colaborar com a reflexão acerca destas transformações. Acreditamos que a melhor ficção pode refletir mudanças contemporâneas no mercado de trabalho, ainda mais numa profissão tão volúvel como o jornalismo, que ainda hoje sofre o impacto das novas tecnologias em seu dia a dia. Este é o caso do romance “Os imperfeccionistas”.

Na ficção de Rachman, a teoria dos constrangimentos organizacionais encontra sua contrapartida em algumas situações definidas por Warren Breed, em 1955. Segundo ele, o conformismo com a política editorial ou o controle social da empresa a qual o jornalista em geral se submete pode ser amenizado por cinco fatores: falta de clareza de grande parte das normas editoriais dos jornais; as rotinas de produção que muitas vezes escapam do controle dos chefes; o fato de o jornalista muitas vezes acabar se tornando ele próprio um especialista em determinada área, fazendo com que o chefe pense duas vezes antes de corrigi-lo; a pressão do furo contra os concorrentes; e o *status* que alguns jornalistas da redação ainda possuem – como colunistas e repórteres especiais – os quais podem transgredir com mais facilidade a política editorial e o controle social nas redações (BREED, apud PENA, 2005).

Na redação fictícia de “Os imperfeccionistas”, o controle social é realizado de forma austera por Herman Cohen, um homem dominado pela mulher e equivocado quanto ao talento literário de um amigo de infância, que se compraz em ridicularizar seus subalternos quanto aos crescentes erros gramaticais nos textos. Há ali sim a possibilidade de mobilidade profissional, como no caso do personagem Arthur Gopal, ex-redator de obituários, fatigado e desgostoso com a profissão, que após uma tragédia familiar se tornará editor do caderno de cultura do jornal, recebendo elogios dos chefes. Porém, a crítica que fica da leitura do

romance é que o controle social personificado na figura de Herman Cohen preocupou-se demais com os erros gramaticais e pouco com a devida atualização do próprio jornal aos rigores de um mercado em transformação. Ou seja, o autor parece concordar com a conclusão de Breed, segundo o qual, apesar dos fatores que amenizam o controle social e as possibilidades de transgressão descritas, a linha editorial das empresas é quase sempre seguida. Daí a negação do jornal em embarcar na feitura de um site, devido à implicância de Herman Cohen, chefe de redação, com as notícias on-line.

Vimos na primeira análise o papel do jornal fictício na construção de uma agenda setting entre seus leitores, de forma a influir no debate da esfera pública. Mas como produzir o agendamento num jornal internacional sediado em Roma e com correspondentes os mais diversos? Um personagem encontrará a saída. Segundo o narrador, o jornal de “Os imperfeccionistas” teve sua melhor fase no final da década de 1970, capitaneado pelo editor Milton Bueber.

Enquanto outras publicações desdenhavam localidades remotas, o jornal concentrava-se nelas, encontrando seu nicho nos confins do mundo, com exemplares aparecendo nmas poltronas da Sociedade dos Negociantes de Diamante de Freetown, ou no jornaleiro de uma vila na Ilha de Gozo ou no tamborete de um bar em Arrowtown, Nova Zelândia. Um transeunte pegava um exemplar, folheava algumas páginas e, na maioria das veze, o jornal ganhava um novo entusiasta. Já no início dos anos 1980, a tiragem diária chegara a quase 25 mil, aumentando a cada ano. Com leitores de várias partes do mundo, ficava impossível publicar um diário normal – o dia anterior de Melbourne não era o dia anterior de Guadalajara. Então o jornal trilhou o próprio caminho, dando aos repórteres e editores liberdade para que fugissem das políticas corporativas do jornal, com resultados variados. O segredo era contratar bem: repórteres ávidos, como Lloyd Burko, em Paris, outros metódicos na escrita, como Herman Cohen.¹⁰

Os dois parágrafos denotam tanto a possibilidade de construção de uma agenda setting num jornal internacional como a busca por escapar de rigores administrativos dentro de uma redação quando capitaneada por um brilhante jornalista.

O jornal, enquanto esteve sob controle editorial de Milton Bueber, resistiu às turbulências do mercado, mas encontrou seu declínio nos negócios mal sucedidos do grupo Ott (donos do empreendimento) e a falta de uma direção segura para sobreviver em tempos digitais, situação que se agrava ao ter sido entregue nos últimos tempos ao jovem e inseguro Oliver Ott, neto do fundador do jornal, um indivíduo que nas suas próprias palavras, “não entendia nada de jornal”.

¹⁰ RACHMAN, p. 282)

“Os imperfeccionistas”, apesar de sua verve cômica, reserva ao leitor um final melancólico, com o fechamento do jornal. Alguns jornalistas conseguem sobreviver na profissão, outros mudam de emprego, Herman Cohen aposenta-se e volta para os Estados Unidos. Craig Menzies, o editor-executivo do jornal, muda de profissão. Na descrição do autor, Menzies é descrito como “um homem tenso que está ficando careca e que decide quase tudo que é publicado a cada edição”. É ele quem decidia o que saía e o que não saía no jornal, ou seja, era o principal *gatekeeper* da publicação. Menzies, assim como Cohen, não se atualizou a ponto de perceber que na era digital os leitores haviam mudado - queriam agora construir também conteúdos, deixando o papel de mediador do *gatekeeping* – e por analogia do jornalismo impresso - mais enfraquecido (RAMONET, 2012, p. 19).

Enfim, a análise de “Os imperfeccionistas” revela uma ficção cujos protagonistas são levados ao público sem os estereótipos típicos da profissão que comumente encontramos nos livros, na televisão e no cinema. Não há, nas diversas tramas criadas por Rachman, espaço para o jornalista-herói, o jornalista-romântico, ou o jornalista-vilão, mas sim personagens imperfeitos, humanos acima de tudo, cuja aura ligada à profissão é facilmente rechaçada pelos seus dilemas cotidianos.

O jornal fictício de “Os imperfeccionistas” fechou, mas o jornalismo e a busca pelas notícias continuará, assim como a necessidade de reflexão sobre as novas condições de produção da mídia impressa à luz da emergência da novas tecnologias de informação e comunicação.

Referências:

BARSOTTI, Adriana. **Da fase romântica do jornalismo político e literário à era da internet: o jornalismo e a busca por legitimação**. Trabalho apresentado nos anais do GP Teorias do Jornalismo, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

FERREIRA, Wilson Roberto & TEIXEIRA, Ana Paula de Moraes. **Agenda Setting**. In: **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: 2º edição (revista e ampliada). Editora Paulus, 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico**. In: **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Editora PUC RJ, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: 2º edição (revista e ampliada). Editora Paulus, 2014.

PEGORARO, Celbi Vagner Melo. **A imperfeição jornalística: a visão humanística de uma profissão em transformação**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 9 Nº 2 – Julho a Dezembro de 2012.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

_____. **Jornalismo: 1000 perguntas**. Editora Estácio de Sá 2005.

RACHMAN, Tom. **Os imperfeccionistas**. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2011.

RAMONET, Ignacio. **A explosão do jornalismo**: das mídias de massa à massa de mídia. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

RUDIGER, Francisco. **Teoria** (verbete). In: **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: 2ª edição (revista e ampliada). Editora Paulus, 2014.